

Campeão das Províncias

Redacção, administração
e Oficinas-tipográficas
Avenida Agostinho Pinheiro
AVEIRO

Decano dos jornais portugueses fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,"

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.
Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.
A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispendir com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originaes

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª \$45; na 5.ª e 6.ª 40; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linémetros cp.ºs 12, 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10% nas publicações ou impressos feitos nas nossas Oficinas-tipográficas.

De Mundo, do dia 5:

Realizou-se recentemente em Setúbal o julgamento de alguns comerciantes arguidos de ter infringido o decreto sobre lucros ilícitos. Esses comerciantes foram absolvidos, não sabemos se bem, se mal. O que é, porém, estranho—; ermita-se-nos o eufemismo—é que, segundo informações que temos por fidedignas, alguns dos membros do júri tinham declarado ao próprio juiz que quantos indivíduos sejam processados por desobediência ao decreto dos lucros ilícitos serão, pela sua parte, absolvidos. Se esta informação, que por nos vir de quem vem reputamos, a despeito do que nela ha de extravagante, verdadeira, é, efectivamente exacta, impõe-se um procedimento enérgico contra quem tão impudentemente prostitue os seus deveres de justiça. Nota curiosa: ao lado dos jurados, de profissão comercial e industrial, que, segundo as nossas informações, se pronunciaram a favor dos gananciosos, dizem-nos que se manifestam os jurados da classe operaria! Como temos visto tanta coisa ilógica e até absurda, já não nos sentimos com forças para repelir mais esta, cujo registo a fica.

Mas então sabe-se disto e não se faz desse decreto, que é o que póde chamar-se uma boa medida, o que se deve? Então constata-se a infracção, é preciso mais para que as sanções penais sejam applicadas, e com todo o rigor, por quem devem ser applicadas?

Assim não vamos bem. Bem fazem os síndicos recusando os seus mandatos.

Seara Nova.—O n.º 23 desta propecta revista política, há pouco pôsto à venda, versa os seguintes problemas: A política de Oliveira Martins, por António Sérgio; Sarah Bernhardt morreu, por António Arroyo; A União Cívica e a Seara Nova (continuação), por Raúl Proença; A derrocada nacional, por Quirino de Jesus, além de outros assuntos de menos monta mas de grande interesse.

E', como se vê, a realização plena dum programa de que só a mentalidade daqueles escritores cabalmente se póde desempenhar, e desempenha.

A Rainha da Moda.—Recebemos e agradecemos o n.º 18 deste interessante e bom figurino português da grande moda

16 de Maio de 1828

(COMEMORAÇÃO)

IV

Poucos dias depois de levada a efeito em Aveiro a revolução de 16 de Maio, José Estevam seguiu para Coimbra onde em 22 se realizou igual revolução. Decretada pela Junta do Porto a organização do balhão academico foi um dos primeiros a alistar-se.

No dia 23 fizeram as forças constitucionais um reconhecimento sobre a vila de Ega, onde pouco antes haviam chegado as avançadas miguelistas, e depois de pequeno tiroteio aprisionaram além de grande numero de praças de pret, o comandante das forças absolutistas, o major de infantaria n.º 22 Antonio Roque de Andrade e um capitão do mesmo regimento. O primeiro destes dois officais trazia um braço atravessado por uma bala. Ambos foram levados para Coimbra, e aí recolhidos na cadeia da Portagem. A delegação da Junta do Porto que aí se achava, julgou mais acertado que os dois prisioneiros fossem transportados immediatamente para as cadeias da Relação, e assim se fez. Para custodiar os prisioneiros organizou-se uma numerosa escolta, mas como não houvesse a verdadeira confiança na tropa, não de que ela deixasse fugir os prisioneiros, mas sim de que tentasse contra a sua vida, tal era a excitação que contra eles existia, ordenou-se que fizessem tambem parte dela alguns academicos. Neste numero entraram José Estevam e o seu amigo e patricio Mendes Leite. Ambos foram informados de que havia tenções de assassinar os prisioneiros durante a marcha; em virtude disto adoptaram tais providencias, foram de tal modo enérgicos e cautelosos, que o partido liberal não passou pela enorme vergonha por que o queriam fazer passar.

O major Antonio Roque de Andrade, depois que deu entrada nas cadeias da Relação, confessou aos dois briosos academicos que sabia dever-lhes a vida e que jámais esqueceria o muito e muito que lhes devia. Que se não morresse do ferimento que tinha recebido e se o seu partido algum dia fosse o vencedor, lhes mostraria então quanto grato lhes era.

José Estevam chegou ao Porto no desempenho daquela diligencia pela tarde do dia 28 de junho. Uma ou duas horas antes haviam desembarcado na mesma cidade do vapor *Belfast*, os generais Saldanha Stubs, Palmela, etc.

José Estevam aguardou no Porto a chegada do batalhão academico, pois teve noticia de que este corpo havia retirado de Coimbra com as demais forças constitucionais e para ali se dirigia.

Batido o exercito constitucional e dissolvida a Junta do Porto, o batalhão academico como todas as demais forças fieis seguiu o caminho da fronteira, vindo a entrar na Galiza no dia 6 de julho. Não é proposito o relatar as inclemencias e maus tratos que as forças constitucionais sofreram na marcha e como foram acolhidas pelos nossos visinho, e portanto José Estevam tambem, mas ainda assim sempre diremos que ele sofreu tudo isso senão com constancia, ao menos com a despreocupação folgazã da sua vigorosa mocidade. Durante a marcha, por andar pouco, foi José Estevam ameaçado pelo celebre tenente coronel de milicias de Orense, D. Manuel Ignacio Pereira, mas depois vingou-se da ameaça saindo do campo de Lobios muito antes que os restantes academicos. Dando-se por miliciano disse ser impedido de seu primo o official de milicias Manuel Luiz, e assim seguiu para Orense e daí

de Paris, que no aplauso com que o público o tem recebido encontra o louvor a que tem pleno direito. De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, a *Societade Commercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, Ltd.* (Largo de S. Domingos, Lisboa), consegue dar-nos por um preço minimo um figurino que rivalisa com os bons figurinos estrangeiros.

Ler na 5.ª página a 2.ª
GARTAS DE SÓROR MARIANA ao Cavalheiro de Chamilly.

Os Novos.—Em Vila Real de Santo António, appareceu há dias um novo jornal—*Os Novos*—, que se apresenta com uma redacção.

Ao novo colega, com os nossos cumprimentos ao seu director, sr. José Barão, os nossos melhores votos por um futuro largo e próspero.

Mais uma curiosidade que o *Janeiro* nos contava no dia 3:

«Na conferencia internacional de chefes de policia que terminou ha dias em New-York, um delegado chinês, o sr. Wanggu Pany maravilhou os assistentes informando-os de que os agentes de policia da China usavam de uma linguagem secreta. Por meio de movimentos imperceptiveis das orelhas, dos olhos, da boca e das mãos, os «detectives» da celeste republica podem entender-se perfeitamente diante de um criminoso sem que este consiga compreendê-los.

As instrucções completas desta original linguagem chinesa vão ser traduzidas em varios idiomas europeus e enviadas a todas as repartições policiais do mundo.»

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retardar a publicação de alguns escritos, entre os quais um sobre a greve academica de 1907, em que se fazem alguns reparos ao que no *Século* de 28 de Maio findo o sr. dr. Carlos Olavo escreveu.

Fica para o próximo numero,

já que a isso nos vemos obrigados.

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, a sr.^a D. Manuela da Cunha Santiago.

Amanhã, as sr.^{as} Codnessa de Sucena, D. Estér de Magalhães Mesquita e Noronha, e o sr. José Maria da Fonseca.

Além, as sr.^{as} D. Frederica de Barros Cima de Azevedo do Rego Barreto, D. Maria Alice Fernandes de Figueiredo, e os srs. dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas e Humberto Mendes Correia.

Depois, o sr. Gonçalo Calheiros. Em 13, a sr.^a D. Ermelinda Veloso da Cruz de Pereira Letão, e os srs. Jorge Baldaque Faria e Melo, Carlos Gomes e Vasco Soares.

Em 14, a sr.^a D. Maria Peregrina B. de Magalhães Godinho, e o sr. José de Sá Couto Moreira.

Em 15, as sr.^{as} D. Ortélia Ala Marques Gomes, D. Izabel Maria Ferreira Leite, e os srs. dr. António Tavares Afonso e Cunha e dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

◆ Também no dia 8 fez anos, e não em 7 como por lapsos dissemos no último número, a menina Alice Bravo Torres Maia Magalhães, filha do nosso querido amigo sr. Tenente-coronel Maia Magalhães.

Visitantes:

Tem estado nesta cidade de visita aos seus o nosso velho amigo sr. Davide da Silva Melo Guimarães, que durante largos anos foi um dos mais considerados negociantes da nossa praça pela sua comprovada honestidade e que hoje reside em Vilarinho do Bairro, onde constituiu família e é estimadíssimo.

◆ Também aqui estiveram os srs. drs. João Carlos Tavares de Souza, Manuel e Armindo Soares, de Estarreja, António Joaquim Pinto Junior, distinto professor na Vila da Feira.

Viageiros:

Regressou a Aveiro o nosso prezado amigo sr. Luís Peixinho.

◆ Com sua esposa, seguiu hoje para o Porto o nosso muito prezado amigo sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, dig.^{mo} Delegado de Saúde em Aveiro.

◆ Com seu filho, regressou de Vinhais, de visita a sua filha e genro, a sr.^a D. Adelaide de Moraes da Cunha.

◆ De passagem para Lisboa, esteve em Aveiro o ilustre senador, nosso prezado amigo, sr. dr. Pedro Chaves.

◆ Para tratamento de seu filhinho, deve seguir amanhã para Sintra a Sr.^a D. Maria Zélia Teixeira de Vilhena, Esposa do nosso querido amigo sr. dr. Adriano de Vilhena, distinto Advogado e Notário em Setúbal.

Enfermos:

Tem ultimamente sentido algumas melhoras o antigo advogado nos auditórios de Aveiro, nosso muito prezado amigo, sr. dr. António Emilio de Almeida Azevedo.

Cartas a uma prima

Lúlu

Afinal, sempre acédo ao teu pedido. Irei pois visitar Aveiro, de que tantas maravilhas ouço dizer. Antes porém que o faça, desejo segredar-te a minha impressão sobre essa cidadezinha de Canais.

Aveiro será uma terra linda, suspensa entre o azul do Céu e o verde do mar, com murmurios de águas a coalhá-la de mistério, beijos sussurrantes de vagas, macias, lentas, cujas cristas são buriladas em miríades de cristais.

Assim, essa terra a que chamam Venéza, de parques azuis onde o mistério erra, e ruas que dão a impressão dos grandes «boulevards»,—terá a par

para o Ferrol, de onde foi também um dos primeiro a embarcar para Inglaterra. José Estevam fez toda a marcha quasi que sem dinheiro, sem roupa e sem calçado. Em Lobios o seu amigo e patricio Mendes Leite deu lhe uma das duas unicas camisas que levava. José Estevam levára consigo de Coimbra um pequeno cordão de ouro, talvez uma recordação da familia, mas em Lobios desfez-se dele, não para ocorrer a alguma das suas muitas necessidades de ocasião, mas sim para satisfazer a sua gulodice (pois era e sempre foi muito guloso), para comprar gemas.

Para se avaliar quanto lhe custariam as tais gemas, basta dizer-se que no acampamento de Lobios se vendia então por 600 reis uma brôa de pão de milho que poderia valer 100 reis.

Marques Gomes.

dos seus palácios, marmoreos, filigranados em tradições e santas, as pombinhas mansas da cidade dos Doges, talvez transformadas em gaiotas, a escaçoar em gritos pesados e longos.

Quanto ao meio, julgo-o superior, bem educado, fino, elegante, de sorrisos chãos e olhares claros, um meio coalhado de lindas mulheres, visões de belêza, que fugidas da velha Helada, aí fôsses a espairecer da vida e do amor. A mocidade então, será um canteiro florido de boninas e malmequeres sorrindo nas auroras fulvas em que a folhagem esverdece e cantando toadas tristes, cheias de sentimento ao Angelus, pelo Outôno, todo de fundos pálidos e amarelos, côres esmaecidas a tocarem no nada.

Mas, se o seu «habitat» é um dos mais perfeitos da actualidade, higiênico, confortavel, cheio de suma Arte, com todas as extravagancias do modernismo, a sua psicologia terá o condão de tocar nas mais perfeitas, tão harmónica ela é, e tão cristã é a sua base. Espiritos de clara intelligencia e perspicaz observação, eis o que dota de maravilhoso esse povo.

Foi assim, com estas referencias, que o meu velho amigo Conde-Barão, ao despedir-se ontem de mim no Hotel de Inglaterra, me segredou a voz lenta, como numa promessa:—«Você fica encantado, homem. Olhe: O Mário Duarte é um ponto aristocratico que tem velhas rivalidades com os melhores de Paris. O «foot-ball» esse nem o próprio Zamora! Os Arcos, já me disse a quem que legarão á posteridade valor superior ao Forum.

E sobretudo, moralidade, bom gosto e bom senso... Você calculará o que é Aveiro!

E como você gosta de lê; terá ocasião de vêr nas suas bibliotecas publicas arcaicos pergaminhos do século XII e conversar á larga com uma «élite» intelectual de «bólos de bacalhau!»...

—«Bólos de bacalhau?!»...

—«Sim, homem, uma maneira «chic de fazer propaganda á antiga cosinha.»

O expresso Lisboa-Madrid partiu e ainda ouvi dêsse velho Conde, a ultima frase de recomendação.

—«Vista-se ao século XVIII, se lá fôr, porque senão serão capazes de o julgar algum lunatico.»

E assim, querida prima, eivado de esperanças e veemente de fé, partirei amanhã no X. V., aterrissando no campo do Rocio. Arranja-me hotel.

Teu primo

Manuel Sem Pavôr

P. S.—Junto remeto uma cópia fiel da celebre tela de Vinci, a Gioconda. Não calculas o que custou! Num noite intima, em que os «pic-nics» faziam aflorar ao gosto, presunto e almondegas, a célebre tela em forma de daguerreotypo, desapareceu misteriosamente, e foi necessaria uma missão diplomatica, chorosa como uma Madalena, para a reconduzir ao Museu da Velha Arte de Namorar.

M.

Lx.—Junho de 1923.

O Folhetim de hoje

As Cartas de Soror Mariana, nome por que o uso os consagrou, são documentos literários dos de maior valor, admiradas e estudadas em todos países e hoje traduzidas em todas as línguas.

Publicando uma das 5 cartas— a 2.^a—, cumprimos um dever a que, por o sêr, gostosamente nos não furtámos.

Para bem as compreender é sentir, não basta lê-las, é preciso conhecer-lhes a história e o papel dos personagens principais desse extraordinário drama que elas nos contam. E' o que vamos fazer, sucintamente, não para os estudiosos e curiosos, a quem nada ensinaremos, mas para aqueles que não podem dedicar-se aos estudos literários.

E' tal o valor das Cartas, que durante muito tempo se supôs que elas eram uma invenção de um qualquer bom escritor. J. J. Rousseau afirmava que nenhum espirito feminino saberia escrever de amor assim tão sentidamente; Camilo, entendia que no século XVII uma senhora não podia escrever «n'aquele estylo parco, desinfeitado, desluzido do ouropel do tempo» (Vid. Curso de Lit. Port., de C. C. Branco, vol. II, pag. 128-129).

Hoje, graças á paciente e sédula investigação de Luciano Cordeiro, as dúvidas desapareceram. As Cartas são definitivamente portuguesas, e quem as escreveu foi Soror Mariana Alcoforado.

Soror Mariana, filha de Francisco da Costa Alcoforado e de D. Leonor Mendes, monja do convento da Conceição em Beja, apaixonou-se loucamente, doidamente (como ela própria diz) pelo Cavalheiro de Chamilly, que desde 1663 serviu em Portugal ás ordens de Schomberg com o título de conde de Saint-Leger, e que de noite, a occultas, se introduzia no convento. Os passos dessa paixão ressaltam flagrantemente das cinco Cartas. Chamilly, um bravo militar mas cérebro bronco, duma bronquidão notável, saciados que foram os seus desejos meramente carniais, seguiu para França, abandonando completamente essa «desgraçada que tinha mais génio no coração do que outros têm tido no entendimento». Soror Mariana morreu em 1723, com 83 anos, «com sinais de pridiastinada falando athe a ultima hora...», como réza o assento do óbito no Livro das Religiosas defunctas do real Convento da Conceição de Beja (Dr. Teófilo Braga, Hist. da Lit. Port., vol. III, pag. 666), tendo levado uma vida de dor e de martírio.

A carta que hoje publicamos é tradução da autoria de Luciano Cordeiro, edição de 1864. Escolhemos a segunda por sêr a que se nos afigura mais ilucidativa pelos elementos que apre-

Ocorrências de 1922

Dia 9 de junho—Chiega a Aveiro, vindo de Cabo Verde em visita a sua familia, o tenente-coronel-médico nosso patricio, dr. Francisco Regala.

Dia 10—Mais calor, mais trovoada e mais chuva.

Dia 11—Récita de gala, no Teatro-aveirense, pela academia do liceu em honra de Camões.

Dia 12—Dia extraordinariamente quente, não se podendo transitar ao sol. Só á noite refresca.

Dia 13—Santo António tem aqui e ali algumas festas, mas modestíssimas todas elas.

Entretanto muita gente vem para a rua, á noite, percorrendo os pontos onde aquelas comemorações se fazem.

Dia 14—Aparecem no mercado as primeiras vâgens, a 1\$40 o quilol

Dia 15—Vem á cidade centenas deromeiros para vêrem o S. Cristovam, pois neste dia se fazia dantes s procissão de Corpus Christi.

sentia para a restituição do quadro geral do drama, e a mais suggestiva por sêr a primeira em que a desditosa monja estremece de horror comunicativo á ideia duma separação que foi para ella o ádito dum Gólgota de que só a morte, entre cilícios e vigílias, a livrou.

Como simplez curiosidade, diremos ainda que várias cartas têm aparecido como as «respostas de Chamilly». A fantasia dos escritores tem ás vezes coisas! Estamos como Camilo para Soror Mariana—póde legitimamente supôr-se num individuo cujo cérebro é reconhecidamente obtuso, capacidade intelectual para a redacção duma prosa tão encantadora como a dessas cartas que se apresentam aos incautos?

Diversas

O Diário de Lisboa de segunda-feira trazia a seguinte local:

«O sr. dr. Bernardino Machado começa a reunir, por uma maneira indiscutível, probabilidades de candidatura com exito á presidencia da Republica, no caso de a não aceitar o sr. dr. Teixeira Gomes. A maioria no Partido Democrático — garantimos absolutamente—inclina-se para o nome do ex-presidente, que apesar de combativo e sempre novo, e de ter alguma opposição no país, dá áquele partido mais satisfação do que o nome respeitavel do dr. António Luís Gomes. E assim corrigimos—porque as situações se modificaram—a nossa informação anterior.»

O Mundo, que no-la apresentou, confirmava estas informações, que o correspondente do Janeiro em Lisboa há dias também com regosijo nos transmittira.

Folgâmos. Folgâmos com a sinceridade com que sempre acolhemos as novas que representam um sólido bem para o país. Das várias personalidades em que se tem falado para a sucessão do sr. dr. António José de Almeida, é o sr. Doutor Bernardino Machado o que melhores qualidades apresenta, o que, pela sua tenacidade, sabêr, experiência e prestígio, se impõe para chefiar os destinos da Nação. Nos momentos de crise, o seu pulso sempre forte e o seu nome têm-nos impôsto à consideração dos outros estados. O sr. Doutor Bernardino Machado é alguém em Portugal e em toda a parte.

Não sabemos o que os diversos partidos acordarão. Para todos, porém, e principalmente para o Partido democrático, a sua eleição constitui um dever, que certamente cumprirá.

Assim o esperamos.

O conflito parlamentar (levantado pelo sr. Cunha Lial, que conseguiu levar os seus partidários a abandonar as Câmaras), continua sem solução apesar das várias plataformas que o presidente da Câmara, os independentes e os democráticos têm apresentado. E' de lastimar. Por quotiliquê, abandonam-se as sessões com tanta naturalidade como se apenas se bebesse um copo de água. E' de lastimar. E' mau caminho, um péssimo caminho. Diga-se o que se disser, isso é uma anormalidade que se mantém para alimentar caprichos antipatrióticos.

Queremos dizêr com isto que os nacionalistas não são republicanos nem patriotas? Não. Longe de nós tal ideia. O capricho é que nós combatemos, e êsse tem de avaliar-se pelos seus resultados, que não são, não podem sêr um bem para o país.

O sr. Mayer Garção dizia há dias os males que uma resolução dessas podia acarretar para um país. Pecava, porém, em atribuir a culpa aos democráticos, que vão apresentando plataformas que os nacionalistas teimam em não aceitar. Que culpa têm os democráticos? A de não se humilharem, rogando aos que lhes viraram

as costas «que voltem, que fazem ali muita falta?»

A opposição é precisa? De acordo. Os cidadãos que elegeram os deputados nacionalistas precisam de têr quem lhes defenda os seus interesses? Mas ninguém o contesta. Elegeram-os. Êles que cumpram os seus mandatos. Um deputado é um representante de algumas centenas de cidadãos, e não uma pessoa que possa, que tenha o direito de se apresentar, como se a si próprio unicamente se pertencesse, a impôr os seus caprichos.

Sangue de menos nas veias, é mau, mas sangue de mais também não é bom.

Joaquim Simões Peixinho
Advogado
Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

Novas edições

Flores e Espinhos

O sr. António Figueirinhas, traduziu e adaptou o *Flores e Espinhos ou Virtudes e defeitos*, de M. L'Abbé F. Méchin. E' um delicioso livro para as creanças, de agradável e san leitura, contendo narrativas inéditas sobre cada virtude e cada defeito.

A Livraria editora de Tavares Martins (Porto), os nossos agradecimentos.

A Tentação

E' um romance, em que o seu autor, o sr. R. F. de Barros pretende mostrar que a República só tem trazido a desunião da família portuguesa. A base, o ponto principal de ataque é a Lei do divórcio.

O entrecho é fraco, sem movimento, com poucos diálogos e sem interesse. Tem muito realismo, e termina com a morte de quasi todos os personagens—só escapa a Micas Saloia, que aparece esfaqueada por um amante fadista, e Carlos Barreto, que do Brasil fora expulso por «indesejável». Ambos êstes são filhos dos protagonistas Jorge Barreto e Isabel, esta vitimada por uma tuberculose, aquele morto com um tiro... e tudo isto por causa da lei do divórcio.

Uma tragédia ..

Movimento local

Melhoramentos.—A fim de dotar a cidade com um melhor abastecimento de águas, esteve há dias em Aveiro, a convite da Câmara Municipal, o engenheiro sr. Teófilo Rodrigues, do Porto, que na estação éra esperado pelo sr. dr. Lourenço Peixinho, Presidente do Municipio.

10 de Junho.—Celebrando a

data do falecimento de Camões, que como Pericles conseguiu dar o seu nome ao século em que viveu, no Liceu Central de Aveiro haverá uma sessão solene na segunda-feira, 11, às 21.30 horas, fazendo o illustre professor sr. dr. Mendonça Monteiro uma conferência sobre o tema *Determinantes etnográficas e mesológicas dos descobrimentos*.

Agradecemos a gentileza do convite.

Na Escola Prlmária Superior, recorda-se também esta memorável data com uma sessão solene, usando da palavra alguns dos seus professores.

Excursão académica.—Os alunos do 6.º e 7.º anos de Letras e Ciências do Liceu Central de Aveiro, acompanhados pelos seus professores, partem no próximo dia 14 para Oliveira de Azemeis, em excursão de estudo, tencionando visitar as fábricas do concelho.

Récita académica.—Muito brevemente, cremos que na noite de 20, a academia do nosso liceu vai realizar um sarau de arte no teatro, constando o programa, ao que está já delineado, da representação duma peça, apresentação da tuna, que executará bons números de música, danças (bailados orientais), etc.

Os académicos, animados de um belo espirito de solidariedade e trabalho, continuam as tradições sobremodo honrosas que lhes legaram aqueles que hoje os vêem, admiram e acompanham nas suas canseiras e nos seus divertimentos sempre perenes de insita graça.

Exames de admissão ao Liceu.—Requerem-se desde um a quinze de Julho, e são necessários êstes documentos:

a) Requerimento, indicando o nome, naturalidade e filiação do requerente, e devendo trazer, devidamente inutilizado, um selo de 1\$50;

b) Certidão de idade para mostrar que o aluno terá 10 anos até 31 de Dezembro;

c) Atestado passado por um professor habilitado ou pelo pai do aluno, em como este se acha em condições de sêr admitido ao exame, e

d) Certidão de revacinação.

Benemerencia.—Dos nossos protegidos, foi contemplado com uma caderneta com 10\$00, pela Caixa Geral de Depósitos, o menor Manuel dos Santos Fernandes, fi ho de Manuel António dos Santos e de Ana Rosa de Jesus.

A Caixa Geral de Depósitos, filial em Aveiro, os nossos agradecimentos.

Inspecções.—A inspecção militar sanitária aos mancebos recensados no presente ano, deve efectuar-se no quartel de Infantaria n.º 24, no próximo dia 15 para todos aqueles que pertencem a outros districtos de recrutamento, e para os que pertencem ao concelho de Aveiro, pela ordem seguinte:

Fr. gnezia de Arelas, dias 18 e 19; Cacia, em 19; Eirol, Eixo e Nariz, em 20; Esgueira, em 21; Oliveirinha, em 21 e 22; Requeixo, em 22 e 23; Senhora da Glória,

em 23 e 25 e Vera-Cruz, em 25 e 26.

Um lago...—Junto duma das casas do conhecido comerciante local sr. António Videira, ao fim da nova Avenida, há uma baixa de rível onde as águas que correm dos prédios vizinhos e da própria Avenida se têm depositado, formando uma poça de grandes dimensões, de desagradável aspecto e péssimos resultados. A tardinha, agora que o calor aperta, levantam-se dali mosquitos em grande quantidade, que vêm infestar as casas próximas, transportando todos os miasmas dos sítios pantanosos, e a toda a hora do dia e da noite se ouve o incômodo coaxar das rans, de que a poça se vai tornando um viveiro.

Bom será que a Câmara atente aquilo como lhe compete. A saúde dos munícipes vale alguma coisa, e a limpeza impõe que se varra o que não é limpo.

Polícia.—De dia e de noite, mas principalmente à noite, os policias não se vêem em ruas e rnas seguidas, encontrando-se em alguns sítios, como nos Arcos, aos grupos de três e quatro, em amena conversa, o que dá em resultado a prática de desordens constantes em todos os cantos da cidade, como ainda há dias aconteceu na Praça do Peixe.

Como estas não são certamente as ordens que recebem, lembrâmos o facto ao sr. Comissário de Polícia para que tome as devidas providências.

Visita de estudo.—Acompanhados por alguns professores, entre os quais o sr. dr. Casimiro Pires e o nosso prezado amigo sr. dr. Daniel Vieira de Campos, que aqui residu muitos anos com seus pais, estiveram em Aveiro na 4.ª e 5.ª-feira últimas os alunos do 7.º ano do Liceu de Viseu.

Farmácia de serviço.—Conforme o estatuido, está de serviço permanente amanhã, a *Farmácia Ribeiro*, á Rua Direita.

Horário dos combóios da C. P.

Para o norte	Para o sul
Saídas de Aveiro	Saídas de Aveiro
Correio... 5,29	Correio... 8,11
Tramway.. 6,50	Rápido (b). 9,31
Mixto.... 7,25	Recov.... 11,19
Tramway.. 10,45	Sud-Exp... 14,54
Rápido... 13,00	Tramway.. 16,30
Tramway.. 17,10	Rápido... 18,37
Correio... 19,50	Mixto.... 22,33
Rápido (a). 21,56	Correio... 23,32
(a) Efectua-se às 3.ªs, 5.ªs e sábados.	
(b) Efectua-se às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras.	

Horário dos combóios do V. V.

Partidas de Aveiro	Chegadas a Aveiro
Mixto.... 9,35	Mixto.... 6,59
Mixto. (c) 1,45	Mixto.... 12,16
Mixto.... 19,00	Mixto.... 16,53
Mixto..(e) 20,05	
(c) Efectuam se ás segundas quintas e domingos.	
(e) Efectuam-se quando forem anunciados.	

Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

XX

Bibliografia

Camara Municipal de Ihavo. Illium série de subsidios para a historia de Ihavo. I Um projecto de brazão d'armas concelhio por Antonio Gomes da Rocha Madail, Coimbra, Grafica Conimbricense, Limitada 1922—4.º 56 pag.

XIV

Algumas eram constituídas por individuos vindos de fóra; trataremos ao d'ante das existentes nos principios deste século; é provável que outras tenham existido e que se extinguissem, o que ignoro, nem sei de tradições algumas a tal respeito, além da família formada pelos instituidores do vinculo de N. Senhora de Nazareth; assim como tambem me não consta que nos séculos passados alguns filhos de Ihavo se tornassem conhecidos por factos ou acções notaveis, que mereçam especial menção.

Antes, porém, de tratarmos de pessoas e de famílias, vejamos o que era Ihavo nos fins do século passado e primeiro quartel do presente ou até poucos anos depois, época em que principiou a transformação da vila, assim no material como no social.

Estado social da vila

Até essa época achava-se Ihavo sequestrada ao convívio das demais terras do país, sendo desconhecida a sua existencia além de Ovar e da Figueira. Não passava aqui uma estrada, ninguém por aqui seguia jornada além de algum habitante de Mira ou aldeias visinhas, que em negócios judiciais se obrigava a ir a Aveiro; distanciado da estrada real de Coimbra ao Porto, sem comunicação com a que nos fins do século passado foi aberta de Aveiro para o sul, era como um bico sem saída mais do que para Aveiro, cujo caminho era uma serie não interrompida de atoleiros, obrigando os viandantes a abrir portaes em valados, fazendo carreiros pelas terras adjacentes, calcando sementeiras e fructos pendentes, e, quando isto era impraticavel, a meterem-se aos atoleiros com lama até aos joelhos. Outro tanto succedia no caminho para a Ermida e daí para Vagos: nos sitios chamados lagoa do Lila e rio do Pereira, ao lado da Chousa Velha, forçoso era passar a vau águas encharcadas ou correntes ao longo dos caminhos. No braço da ria que segue da Malhada até ao Bóco não havia uma ponte: a unica passagem era na barca entre Fareja e Vagos, ronqueira, e perigosa porque a ria tinha toda a lar-

gura que hoje em grande parte se acha occupada por praias de canisso. Daí para Mira seguia-se caminho por um deserto areal na extenção de duas leguas, deserto e perigoso por causa dos olheiros no inverno, e dos maus encontros, não faltando o de lobos.

Os pescadores de Ihavo ainda hoje são conhecidos em Lisboa pela denominação de varinos, isto é: ovarinos, ovarenges, como se fôsem naturaes d'Ovar, terra mais conhecida pela sua proximidade e relações com o Porto e porque a maioria dos viandantes entre esta cidade e Lisboa (que não viajavam em liteira ou caleça, os quaes não podiam deixar de seguir a estrada real) preferiam vir por Aveiro, para aproveitarem entre esta cidade e Ovar cinco leguas de caminho, de noute, nos barcos da carreira. (IA) De Ihavo apenas uma unica mulher ia de meses a meses ao Porto, comprar linho, que assedava e vendia aqui e nos mercados proximos: era a tia Eugenia, moradora numa casita, que hoje se acha unida á casa do dr. Mendonça. Quando chegava do Porto em tempos de inverno e contava os perigos da passagem na barrinha, as enchentes do Douro, a ruptura da ponte dos barcos, toda a gente procurava a tia Eugenia e embasbacava ao ouvi-la. Os nossos patrios que passavam nos lados do Porto, Almeida, Celorico da Beira, Coimbra, Lamego e outros os seis anos de Governo de D. Miguel conjunctamente com outros presos polítics de diferentes terras do reino, e especialmente das Províncias do norte, não encontravam entre eles um só, de fóra da comarca, que tivesse noticia da existencia de Ihavo, admirando-se todos de não terem ouvido falar de uma terra que lhes parecia ser de alguma importancia pelo consideravel numero de pessoas que nela haviam sido culpadas nas devassas chamadas de rebelião, e pelas informações que dela lhes davam aqueles seus companheiros de infortunio.

E isto passava-se já entre os anos de 1828 e 1834!...

A Lisboa iam todos os anos os pescadores; e alguns luzertos—três ou quatro—iam tambem uns anos por outros á compra de sardinha, que traziam por mar, quando a pesca do ultimo verão tinha escasseado aqui, e em Lisboa havia abundancia. Quando vinham, se falavam de Lisboa, era exclusivamente da abundancia ou escassez da pesca, da alta ou baixa dos preços e de nada mais davam a menor noticia.

Estado material da vila

A vila era um charco. As águas vindas de Cimo de Vila e dos terrenos superiores, decor-

rendo durante os invernos até á praça e daí para o rio da vila, arastavam areais, terras e engodos, com que a principio atulhavam o canal entre a vila e Alqueidão, e depois fertilisavam as vessadas que no leito dele existiam, tinham aberto ao longo de toda a rua um fôssco largo e fundo, que os proprietarios de ambos os lados desviavam para o centro por meio de balcões, para defeza de seus predios, sendo construídos a maior parte de pedra e cal, alguns porém de torção ou madeira segura com estacas. Outro tanto se via nas demais ruas, vertendo as enxurradas—do adro para a rua nova e para o rio da vila pela praça, por onde tambem vinham as da maior parte da rua de Espinheiro. De Alqueidão as que não desciam pela Barrosa, vinham tambem ao Campo das Almas, entrando todas na vala central—madriz—que ainda hoje existe, passando junto da capella.

Mas estes balcões, que cada proprietario fazia como queria, sem intervenção da Câmara municipal, e a que chamavam a sua calçada, eram desiguaes assim na largura, como na altura, de modo que aqui se subia um ou dois degraus, além se descia dois ou três. Eram como os passeios nas ruas das cidades, mas no estado mais tosco e rudimentar. Em sitios apenas cabiam duas pessoas a par, na rua direita a calçada do lado do nascente era mais larga do que a outra a poente, menos irregular e a de mais transitio.

Para se atravessar a rua havia donde a onde degraus em ambas as calçadas, e algumas pedras soltas no rego; e para se passar duma casa para a do outro lado, que lhe ficava em frente, era mister, em muitos sitios, ir até encontrar passagem, atravessar aí e retroceder até ao ponto do destino. E tão fundo era o rego em alguns sitios que quem estivesse assentado á janela de uma casa ao réz do chão, não via um carro que por ele passava. Refiro-me a carros puchados a bois, carros de lavoura, porque doutros, como as antigas seges, liteiras, calções não havia quem os tivesse visto aqui. A calçada, isto é a successão dos balcões lateraes só davam passagem de pé; carros e cavaleiros seguiam pelo rego.

Mesmo no estio o rego era sempre um lamaçal, alimentado não só pela água vinda de cima, embora em menor quantidade, mas tambem pelas muitas nascentes em toda a exenção da rua, brotando umas no rego, outras no mesmo no pavimento dos balcões ou calçadas.

Junto da casa do farmaceutico José Antonio d'Oliveira Vidal, que é hoje de Agostinho Ferreira Vieira, havia uma nascente

em forma de um pequenino poço, de cuja água se serviam para lavagens. E na casa fronteira a esta, que então era de Francisco José Fernandes, rebentava uma nascente mesmo dentro da loja, quando os invernos eram mais abundantes de chuvas. E assim muitas outras.

Quando se procedeu ao calcetamento da rua direita não lembrou encanar estas águas, do que resultou estragar-se a obra antes de 2 anos, sendo forçoso fazel-a de novo, e com um cano de esgoto ao longo de toda a rua.

Os maiores lamaças eram nas cancelas, onde as casas do lado da capella eram defendidas por um balcão de talvez três metros de altura; na Barroca por onde ninguem passava calçado, porque dos predios confinantes vertiam águas que formavam na rua um constante atoleiro; no Oitão, onde as casas do capitão ou Falcão da Ermida, nas quaes se acha hoje o teatro, eram defendidas por um muro e balcão de consideravel altura, com escada á esquina, para passagem e comunicação com o lado oposto da rua direita; mas para passar daí para as casas fronteiras do lado de Espinheiro era mister dar volta pela praça; e finalmente na praça.

Esta era então muito mais acanhada do que é hoje, porque a casa da Câmara e cadeia lhe roubava um grande espaço. Era um edificio quadrilongo, entre o qual e as casas e casebres existentes on te hoje se achava a casa de João Antonio da Graça, havia uma estreita rua que ia descendo até á boca do carril do Cabeço; a norte da cad illo rego e em seguida a ele a calçada defendendo as casas fronteiras, um pouco mais larga do que as outras, sendo aí que se collocavam as mulheres que vendiam pão, nortelias e outros generos. A boca do carril do Cabeço comunicavam-se por degraus e poldras esta calçada com a estreita rua que vinha por de traz da cadeia, e seguia a calçada, a par do rego, atravessando a levada da azenna do adro, que corria a descoberto, por meio de um pontelhão, formado por uma unica pedra sobre duas paredes, o que só a uma pessoa permitia passagem.

Um largo cano por baixo da cadeia e o rego a norte dela davam vasão ás águas para a matriz, cobrindo muitas vezes, no inverno, o pontilhão existente sobre ela, embora de muita, posto que insufficiente altura, interceptava assim a passagem para Alqueidão enquando as águas não baixavam.

Marques Gomes

Terras de Portugal

Lisboa, 5-VI-1923

Um amigo meu, encontrando-se hoje comigo, feitos os cumprimentos do estilo, perguntou-me, sorrindo, se eu já tinha materia para a crónica desta semana...

Tambem, com graça, talvez fingida, porque a alegria íntima não é muita, respondi-lhe que a materia para tais crónicas nunca faltava: a dificuldade estava em adaptal-a ao momento, visto que um jornal de provincia recebe noticias que só serão publicadas de oito em oito dias... e as questões momentosas perdem com a demora.

—Então aqui tens assunto que é sempre momentoso... Em qualquer occasião vai a tempo.

Trata-se da hygiene desta linda capital que, desde a implantação da Republica começou a encontrar perigo na falta de limpeza, que vai por essas belas avenidas, praças, largos, ruas, travessas e bécas!...

E' uma imundicie de tal ordem, que se o grande historiador e poeta tivesse agora de a contar, teria talvez de dizer:

«Lisboa, cidade de marmore e de granito (?), tu és a mais bela entre as demais cidades do mundo, (mas a mais suja e cheia de podridões de quantas possa haver com imundicie!...).

—Nem tanto, observei.

—Então ainda querias mais?...

—Eu nem queria mais nem mesmo tanto, mas acho exagerada a adversativa acrescentada ao primeiro período de patriotica descrição feita pelo imortal Herculano.

Efectivamente as avenidas novas não estão tão limpas, como dantes; mas tambem é preciso lembrar que o movimento agora é muitissimo maior.

—A causa não é o aumento de movimento. E' antes o desleixo da parte de quem dirige, ou fiscalisa.

«A limpeza é insufficientissima, começando pelas vassouras que são feitas de ramos de varias arvores, e por isso pouco ou nada varrem. E além disso é mais o tempo em que andam nos hombros dos varredores do que a limpar as ruas.

«E quando limpam é por cima do lixo, ficando este ainda mais espalhado. E quando há animais mortos (gatos ou aves) em cima dos passeios, ou não lhes tocam, ou deitam-nos abaixo, e aí ficam a causar a mesma repugnancia!... Isto nas principais arterias. Nas ruas menos frequentadas pela fidalguia, a podridão é aos montões dos mais nojentos!...

«Não será isto verdade?»

Nada retorqui.

Contra factos não há argumentos, que possam convencer em contrario.

Apenas, depois que o meu amigo se despediu, fiquei a pensar naquella «desde a implantação da Republica», e ficaria supondo que em tal «expressão cronologica» poderia ter havido um «bocadinho de acinte», se eu não

tivesse conhecido a antiga limpeza desta linda capital, que era, na verdade, bem mais cuidada; e principalmente se não tivesse a maior confiança no puro republicanismo desse bom amigo.

Infelizmente disse a verdade. A hygiene da capital deixa tudo a desejar... Quasi não existe aqui.

E de hoje a poucos dias, em começando o calor com a sua maxima intensidade, o que não irá por essas ruas e avenidas, quando passarem os automoveis (que são tantos quantos os novos ricos!) e os «camiões» que levantam na passagem, em virtude da velocidade, uma densa nuvem de todas as podridões que se encontram nelas?!...

Se ao menos fôssem regadas...

E' certo que a rega feita por meio de «agulheta» tambem levanta poeira, mas ao menos ficam depois o solo e o ar um pouco mais frescos, e por isso alguma coisa se lucra, se elas se fizessem seguidamente...

E' porém, de esperar que a nova Câmara, constituída, quasi na sua totalidade, de homens de altos conhecimentos scientificos, alguma coisa se resolva a fazer, acabando ao menos com o grande desleixo que tem havido da parte dos fiscaes da limpeza, que parece terem abandonado a fiscalisação da mesma, deixando-a unicamente á mercê dos «varredores», que «varrem», quasi sempre, com as tais «vassouras de pausinho», em descanço sobre os hombros.

Mais um pouco de cuidado e mui-

to se poderá conseguir, sem se gastar mais dinheiro do que o muito que já se gasta em tão miseravel serviço.

(C.)

Fernando Moreira

Conservador do Registo Civil
Advogado

Consultas todos os dias úteis, na Conservatória do Registo Civil, à Praça da República—Aveiro.

Declaração

O abaixo assinado declara que não se responsabilisa por qualquer divida contraída em seu nome por Olegario de Souza.

Aveiro, 30 de Maio de 1923.

Lourenço Vicente Ferreira.

Lugares selectos

I

2.ª Carta de Amor de Sórora Mariana

O teu tenente acaba de dizer-me que uma tormenta te fizera arribar ao Algarve.

Receio que tenhas soffrido muito no mar, e esta apprehensão tão vivamente me absorveu que não tenho pensado em todas as minhas penas.

Imaginas acaso que o teu tenente se interesse, mais do que eu, no que te succede?

Porque está elle melhor informado, e, em summa, porque não me tens escripto?

Bem infeliz sou se, para o fazer, não tens tido occasião alguma, desde que partiste, e, mais ainda, se, tendo-a, não me escreveste.

São desconformes a tua injustiça e a tua ingratição; mais me pezára, porém, que ellas te acarretassem alguma desgraça.

Prefero que fiquem sem castigo, a que me vinguem.

Resisto a todas as mostras que deveriam convencer-me de que não me amas, e sinto-me bem mais disposta a abandonar-me cegamente á minha paixão, do que ás rasões que me dás de me lastimar a tua frieza.

Quantas mortificações me terias poupado se as tuas maneiras fossem tão remissas nos primeiros dias em que te vi, como me têm parecido desde algum tempo!

Mas quem não se iludira com tantos extremos e quem os não tivera por sinceros?

Quanto custa e tarda que nos

resolvâmos a suspeitar da lealdade dos que amamos!

Eu bem vejo que a menor desculpa te satisfaz, e sem que te dês ao incómodo de a engenhar, o amor que te tenho serve-te tão fielmente que nem posso consentir em julgar-te culpado, senão para gosar o ineffavel prazer de te justificar eu propria!

Consumiste-me com a porfia dos teus galanteios, abrazaste-me com os teus transportes, enfeitaste-me com as tuas finezas, renderam-me os teus juramentos, seduziu-me a minha inclinação violenta, e as continuações d'estes principios tão ledos e tão felizes não são mais do que lagrimas, cansados suspiros, uma funesta morte, sem que eu possa encontrar-lhes remedio!

Certo, logrei não imaginadas delicias, amando-te, mas custam-me agora, bem desmedidas penas.

São sempre excessivas todas as emoções que me causas.

Se tivera resistido obstinadamente ao teu amor, e se te houvera dado qualquer motivo de pezar e de ciume para mais te inflamar e prender; —se tivesses notado em mim qualquer esquiva artificial; —se eu tivesse querido, em summa, oppor a minha razão á inclinação natural que para ti me impellia, e que logo me fizeste perecer, —embora as minhas diligencias tivessem sido inuteis, sem duvida; —poderias então castigar-me severamente e abusar do teu poder sobre

mim, com mostras de justiça.

Mas parecêras-me digno do meu amor, antes que me houvesse dito que me amavas; mostraste-me uma grande paixão, senti-me deslumbrada, e abandonei-me a amar-te perdidamente.

Não estavas cego, como eu: porque me deixaste cair n'esta miserá condição em que agora me vejo?

Que querias tu fazer de todos os meus enlevos, que não poderiam deixar de ser importunos no seu mesmo exagero?

Sabias perfeitamente que não havias de ficar para sempre em Portugal.

Porque me quizeste escolher para me tornar tão desgraçada?

Encontrarias, sem duvida, n'esta terra qualquer mulher mais formosa com a qual gostasses os mesmos prazeres, pois que, sómente, os grosseiros procuravas; —que te amasse fielmente enquanto estivesses com ella; —que o tempo podesse consolar da tua ausencia, e que tivesses deixado sem aleivosia e sem crueza.

Este teu comportamento é mais de um tyranho acirrado em perseguir-me do que de um amante que só deve pensar em captivar.

Ai, porque tratas com tanto rigor um coração que é teu?

Vejo muito bem que és tão facil em te deixares mover contra mim, como eu o fui em me deixar convencer em teu favor.

Sem precisar valer-me de todo o meu amor, e sem querer saber se terias feito por mim alguma coisa de extraordinario, eu teria resistido facilmente a muito melhores rasões do que podem ser as que te moveram a deixar-me.

Ter-me-hiam parecido muito fracas, e ne' h' m' is haveria que tivessem podido arrancar-me de junto de ti.

Mas quizeste aproveitar os primeiros pretextos que se offe-

reciam para voltares a França.

Partia um navio.

—Porque não o deixaste partir?

Escrevêra-te a familia.

Não sabes tu as perseguições que soffri dos meus?

A tua honra obrigava-te a deixar-me.

Cuidei eu da minha?

Tinhas de ir servir o teu rei.

Se quanto dizem d'elle é verdade, não tem necessidade alguma do teu auxilio e haver-te-hia dispensado d'elle.

Ai, que ventura a minha se juntos houvessemos passado a vida!

Mas já que era fatal que uma cruel ausencia nos apartasse, creio que devo comprazer-me, ao menos, em não ter sido infiel, e não quizera, porquanto ha no mundo, ter praticado uma acção tão negra.

Como! pois conhestes o fundo do meu coração e da minha ternura, e podeste resolver-te a deixar-me para sempre, e a expor-me aos terrores de que não te lembres mais de mim... senão para me sacrificar a uma nova paixão?!

Sei bem que te amo como uma doida.

Não me queixo comtudo de toda esta furia insana do meu coração.

Costumei-me ás suas tribulações, e não poderia viver sem este prazer á que me apego de te amar no meio de mil penas.

Mas atormenta-me sem cessar o enojo e o desgosto que tenho por tudo...

A minha familia, as minhas amigas, este convento, tudo se me tornou insupportavel.

É-me odioso quanto sou obrigada a ver, quanto é mister que eu faça.

Tão ciosa me sinto da minha paixão, que me parece que todas as minhas acções, que todos os meus deveres te pertencem.